

A LITERATURA JUDAICO-FEMININA DE IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL¹

Ethel V. Kosminsky²

UNESP-Marília, CERU-USP

Resumo

Este trabalho analisa a literatura judaico-feminina de imigração no Brasil e nos Estados Unidos, focalizando as obras de mulheres judias, procedentes da Europa Oriental. No caso do Brasil, o único livro aqui analisado foi publicado em 1948 e no caso dos Estados Unidos, as obras foram publicadas entre o fim do século XIX e o ano de 1968. Apenas uma imigrante judia, estabelecida neste último país é proveniente da América do Sul. Foram também analisados livros escritos por mulheres, filhas de imigrantes, nascidas no Brasil e nos Estados Unidos. No Brasil, essas publicações datam de 1967 e de 1990 e nos Estados Unidos de 1981 e de 1988. A opção por trabalhos escritos por mulheres deve-se ao fato de que a história da imigração, previamente contada do ponto de vista masculino, será agora ouvida da perspectiva feminina.

Palavras-chave: literatura, imigração judaica, gênero, Brasil, Estados Unidos.

* * *

O estudo da autobiografia e do romance de cunho autobiográfico, escritos por mulheres imigrantes judias e suas filhas, possibilita a colocação de algumas questões: O que é possível conhecer dos processos migratórios e de adaptação à nova sociedade de famílias judias através da literatura feminina? Até que ponto as autoras proporcionam aquilo que a sociedade gostaria de saber? A literatura escrita por mulheres tem como referencial principalmente a casa e a família?

As Ciências Sociais, nos últimos anos, têm demonstrado um crescente interesse pelo uso de documentos pessoais em pesquisas, significando com isso que mais espaço tem sido dado ao pessoal, ao estudo da vida de pessoas. A ampliação do movimento feminista provocou o levantamento da vida de mulheres, daquelas que tinham sido mantidas à parte, isoladas pelo silêncio. Quais seriam as razões para essa mudança de enfoque das Ciências Sociais? Segundo a socióloga inglesa Mary Evans, o reconhecimento dos

¹ A coleta do material foi possível graças à bolsa de pesquisa no exterior da FAPESP, em 1998. Uma versão anterior intitulada “Literatura como fonte de conhecimento nos estudos de imigração”, foi publicada in: Lang, A B. da S.G. (org) *Desafios da pesquisa em Ciências Sociais*. p.139-153. São Paulo: CERU, 2001 (Textos. Série2; n.8). Esta versão será publicada in: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, n.3, 2002.

² Professora Livre-Docente de Sociologia e coordenadora do Programa de Pós-Graduação do Curso de Ciências Sociais da UNESP-Marília e pesquisadora do CERU/USP.

limites das grandes teorias teria conduzido, provavelmente, ao crescente interesse pela pesquisa, em menor amplitude, do particular e, ainda, a legitimação do crescente individualismo, com as suas idéias de ressocialização do indivíduo. O novo pluralismo que valoriza a singularidade e a autonomia social implicou na liberação de uma série de possibilidades, ampliando os limites do que é aceitável. Esse sentimento de liberação ocorre de forma paralela a dois importantes desenvolvimentos do uso da biografia: a crescente ênfase na documentação das experiências de pessoas comuns e o surgimento de um novo tratamento dos dados pessoais, nos quais a vida é entendida como uma repetição de certos padrões, que provavelmente se formaram a partir da infância (Cf. Evans, 1993).

Os documentos pessoais de mulheres – autobiografias, biografias, romances de cunho autobiográfico, correspondência e histórias de vida coletadas oralmente – têm sido usados para mostrar que a mulher, assim como o pobre, tem uma história pessoal, a mulher não é somente uma vítima da história, mas também uma personagem atuante. A leitura desse material quando confrontado com outros dados, leva-nos à seguinte indagação: o que ele deixa entrever e o que ele oculta? Todo o país e toda a cultura contém exemplos de documentos pessoais que denotam alguma ausência de informações. No entanto, os documentos pessoais fornecem sempre dados úteis que são interessantes tanto pelo que revelam quanto pelo que ocultam. Em ambos os casos, pode-se encontrar a presença da cultura de um povo, das atitudes que dizem respeito principalmente às relações pessoais (Cf. Evans, 1993).

Toda a pesquisa contém elementos intelectuais e pessoais da vida do pesquisador assim como da biografia do sujeito pesquisado. Autobiografias escritas pelo sujeito investigado e biografias escritas ou coletadas sobre sujeitos da pesquisa não somente contêm dados da vida de um indivíduo, como se constituem na verdade documentos de muitas vidas. Além de serem relevantes para a literatura, eles são também para a pesquisa empírica acadêmica dentro das Ciências Sociais, especialmente da Sociologia, no que se refere à pesquisa qualitativa feminista, quando há um entrelaçamento entre a vida da pesquisadora e a da mulher investigada.

As histórias de vida, quer coletadas oralmente, quer em forma literária - autobiografias, biografias e literatura de cunho autobiográfico - oferecem um meio de avaliar o presente, re-avaliar o passado e antecipar o futuro. Segundo as sociólogas inglesas Pamela Cotterill e Gayle Letherby, não obstante a diferença que a história pessoal de cada mulher apresenta, as mulheres parecem compartilhar da percepção do mundo social pela sua inserção na família e, embora, isso não seja verdadeiro para todas as mulheres, muitas parecem dar sentido às suas vidas referindo-se às transições individuais e familiares. No sentido real do termo, as histórias de vida são vidas de grupos, nas quais a narradora tece a sua história com aquelas de seus outros significantes, os seus filhos, pais, maridos, amantes e amigos (Cf. Cotterill e Letherby, 1993).

De acordo com o sociólogo americano Steven J. Gold, a crescente influência do feminismo na universidade irá colocar a experiência da mulher no centro da pesquisa acadêmica nos Estados Unidos. Até o final dos anos 80, as questões de família e de gênero encontravam-se ausentes dos estudos de imigração e de adaptação do imigrante. Os imigrantes eram então vistos de forma estereotipada e, quase sempre incorreta, como trabalhadores do sexo masculino. As Ciências Sociais adotavam portanto a perspectiva masculina. Recentemente, os pesquisadores se tornaram interessados na experiência de famílias e de mulheres imigrantes, buscando compreender o funcionamento da família migrante, conhecer a sua adaptação, relacionando a questão do gênero com o mercado de trabalho, o preconceito e as instituições e redes étnicas. Passaram a investigar, também, assuntos privados, tais como, os padrões de interação familiar, a tomada de decisão dos seus membros, a atribuição de responsabilidades, a distribuição de recursos, incluindo bens e dinheiro, e o estabelecimento dos papéis familiares. Muitos desses estudos focalizam os processos de negociação e de aliança baseados no gênero, influenciando por sua vez os padrões de adaptação das famílias e das comunidades étnicas (Cf. Gold, 1995).

Comparando a experiência migratória de mulheres e de homens, observa-se que, as mulheres, quer migrando sozinhas ou com suas famílias, têm recursos, oportunidades, preocupações e reações diferentes e, por essa razão, seguem estratégias de adaptação distintas, desempenhando papéis centrais na adaptação do grupo à nova sociedade. A pesquisa com mulheres imigrantes e suas famílias focalizam, geralmente, a experiência de mulheres que precisam trabalhar, contribuindo para a renda de suas famílias, através do salário ou do trabalho executado em negócios da própria família. São poucas as pesquisas que consideram o destino da mulher imigrante que adapta-se à nova sociedade, inserida em papéis domésticos e mantida pelo marido. Essas mulheres estão sempre isoladas e não dispõem de renda independente como a mulher migrante trabalhadora, mas apesar disso, elas podem exercer um certo grau de autoridade em razão do monopólio sobre as tarefas domésticas e a criação dos filhos. Além disso, devido à sua disponibilidade de tempo, aliada à sua orientação doméstica e comunitária, essas mulheres desempenham papéis cruciais nas atividades comunitárias. Assim, os seus problemas de adaptação, padrões de enfrentamento em relação à nova sociedade, e suas contribuições à família e à comunidade são em diversos aspectos diferentes daqueles apresentados pelos homens ou pelas mulheres imigrantes trabalhadoras (Cf. Gold, 1995).

A literatura judaico-feminina de imigração no Brasil

A literatura de imigração, aqui referida, compreende a autobiografia e o romance de cunho autobiográfico escritos por mulheres imigrantes e por suas filhas. No Brasil, infelizmente, esse tipo de documento, escrito tanto por homens quanto por mulheres, além de escasso, tem sido pouco usado. Entre os

pesquisadores que fazem uso desse tipo de recurso, destaca-se Célia Sakurai, com o livro “Romanceiro da Imigração Japonesa” (1993).

Uma das razões para o número tão pequeno de trabalhos escritos por imigrantes deve-se à dificuldade de acesso à escola no Brasil. Assim, mesmo os imigrantes que chegaram alfabetizados, na sua língua nativa, tiveram dificuldades para aprender o Português em razão da ausência de escolas públicas. Desse modo, os imigrantes e seus filhos enfrentaram dificuldades ao longo do seu processo de incorporação à sociedade brasileira. Muitas vezes, os imigrantes escolhiam aquele dentre eles que estava mais apto para alfabetizar as crianças na sua língua de origem, a única que sabiam, ou, outras vezes, quando a situação econômica melhorava um pouco, mandavam buscar um mestre-escola do seu país. Foi o que aconteceu com os colonos alemães no Sul do Brasil, como conta Willems (1980).

Poucas mulheres imigrantes eram alfabetizadas, além disso, freqüentemente, a escola ficava distante da moradia do imigrante, conforme consta de um dos romances sobre a imigração japonesa: “A escola ficava a 1 Km. de distância, mas meus pais achavam que não se podia permitir que uma menina andasse no meio do mato sozinha para ir à escola, e lá se foi outra vez o meu sonho de estudar” (Sakurai, 1993: 52).

Provavelmente, a ausência de um público leitor interessado, a pobreza do parque editorial, o desconhecimento da língua Portuguesa e a ligação com a cultura de origem podem ter levado os imigrantes e seus descendentes a escreverem e publicarem as suas obras na sua própria língua. Assim, a maioria dos romances utilizados por Célia Sakurai foram escritos em japonês. Da mesma forma, os livros de memória de imigrantes judeus-alemães e demais refugiados do Nazismo, estabelecidos em Rolândia, Norte do Paraná, na década de 30, foram escritos em alemão e publicados na Alemanha. Apenas um foi traduzido e publicado em Português (ver Kosminsky, 1985). A isso se acrescenta, o desinteresse da elite dirigente do Brasil pela memória, restando aos particulares, quando interessados, fazerem vir à luz o material deixado por seus antepassados, como foi o caso de Milton Scaler, que traduziu e conseguiu, com muita dificuldade, a publicação dos manuscritos deixados por seu avô materno, Saádio Lozinsky, sobre a imigração da sua família da Rússia para o Brasil (Lozinsky, 1997).

O pequeno número de autobiografias e de diários também foi notado pelo historiador americano Dain Borges (1992) ao estudar a família na Bahia, no período de 1870 a 1945. Procurando entender a tendência dos brasileiros de não deixar material escrito de cunho pessoal e comparando com a situação da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, onde esse tipo de documento se faz presente em muito maior quantidade, o autor indaga se essa atitude deve-se, talvez, a “convenções de discreção e de reticência, possivelmente, devido à ausência da tradição protestante que enfatiza o exame privado da consciência. Assim, raros são os autores brasileiros que escrevem e escreveram do ponto de vista do desenvolvimento do

seu caráter individual”³ (Borges, 1992: 285). Teriam os imigrantes e seus filhos sido influenciados por aquela tendência apontada por Dain Borges?

Focalizarei neste trabalho algumas obras escritas por mulheres judias, das quais apenas uma é da autoria de uma imigrante. Trata-se de Elisa Lispector (1971, a 1ª ed. é de 1948), que imigrou da Ucrânia para o Brasil no período entre as duas guerras mundiais. As outras duas mulheres, cujos livros serão discutidos, pertencem à segunda geração (nascida no Brasil), são elas: Frida Alexandr (1967) e Martha P. Faermann (1990).

Elisa Lispector nasceu na aldeia de Sawranh, circunscrição de Balta, Podolsk, Ucrânia e imigrou para o Brasil, acompanhada de seus pais e de duas irmãs menores, tendo se fixado com a família em Recife (Cf. Nota da editora, 1985). A autora, irmã da famosa escritora Clarice Lispector, e escritora premiada, tem no seu livro “No Exílio” uma obra bastante desigual. Trata-se de uma obra de cunho autobiográfico, introspectivo, escrito na terceira pessoa do singular, um misto de romance e de ensaio. Falta profundidade aos seus personagens e maior precisão na descrição dos acontecimentos, que tornem a sua história mais atraente e também mais fluente. O livro trata da fuga da família após o pogrom de 1917 e a sua emigração para Maceió, ao encontro de parentes, e em seguida para Recife.

Em termos de informações sobre as condições de vida antes da emigração, Elisa se recorda que o pai tinha sido um comerciante na cidadezinha de Gaicin, viajando sempre a negócios. Lembra-se das noites de inverno, em que a casa era mantida “abastecida e tépida” (p.26). O avô materno “negociava com madeiras, nas florestas”, e vivia em condições econômicas melhores do que o avô paterno, pobre e religioso, que exercia a ocupação de *schoihet*⁴. Durante a sofrida viagem de saída da Ucrânia, Elisa recorda-se das alegres férias de verão passadas na casa do avô materno, “um casarão grande, vetusto, tão sólido e ameno”, situado na aldeia onde a mãe havia nascido (p.58). O processo de emigração é visto como perda e sofrimento. Perda de melhores condições de vida, sofrimento ao ver o agravamento da doença da mãe durante a penosa viagem e o seu falecimento anos mais tarde, em Recife.

A chegada a Maceió é um choque, em razão, principalmente, do tratamento dispensado pela tia, que abriga ela e as irmãs no minúsculo quarto de empregada e dos problemas de trabalho enfrentados pelo pai. A questão da sobrevivência aflige toda a família, no entanto, em uma sociedade patriarcal, ainda não industrializada, caso do Nordeste brasileiro, cabia ao pai e marido providenciar o sustento e o abrigo da família. E assim, o pai de Elisa tornou-se mascate, trabalhando também com o “cozimento de sabão”, a serviço do cunhado (p.100). As relações de trabalho se configuram em exploração por parte do cunhado e de

³ A tradução dessa citação, assim como das demais, são do original Inglês e foram realizadas de modo não literal.

⁴ Schoihet, em Hebraico, pessoa encarregada de abater os animais destinados à alimentação segundo os preceitos judaicos.

submissão da sua parte. Após 5 anos de “cativoiro, dores e desesperanças”, a família migra para Recife, onde consegue melhorar as suas condições de vida (p.108).

O falecimento da mãe e anos depois do pai são relatados de forma entremeada com uma espécie de ensaio sobre as perseguições aos judeus durante o Nazismo e a Segunda Guerra Mundial, as lutas e dificuldades que antecederam a criação do Estado de Israel. Esse estilo da obra leva a uma superficialidade no tratamento dado às questões pessoais tais como as doenças que vitimaram os seus pais, bem como, a sua própria enfermidade. Supõe-se que Elisa teve tuberculose, tendo que interromper o seu trabalho de professora de crianças e o curso que frequentava na faculdade. De acordo com a nota da editora (1985), Elisa transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro, onde fez o curso de Sociologia na Faculdade Nacional de Filosofia e o de crítica de arte na Fundação Brasileira de Teatro.

Passemos agora à segunda geração de mulheres, isto é, àquelas nascidas no Brasil. Em primeiro lugar, Frida Alexandr, autora de “Filipson: Memórias da primeira colônia judaica no Rio Grande do Sul”, publicado em 1967. Há muito tempo esgotado, a obra só é encontrada em algumas bibliotecas da comunidade judaica. Dona de casa, a autora tem uma prosa agradável e fluente e dedica o seu livro de memórias ao seu marido e filhos. Descreve a vida cotidiana em Filipson, onde nasceu, uma das quatro colônias fundadas pela Jewish Colonization Association, conhecida dos colonos pela sigla em Iídiche ICA, no interior do Rio Grande do Sul. Embora não tenha datas, o livro segue a cronologia dos fatos, apresentando primeiro a colônia de Filipson e contando da sua criação, portanto, antes do nascimento da escritora. A vivas cores, Frida Alexandr transmite a falta de eficiência dos administradores da colônia, ao lado do despreparo, das dificuldades e da luta pela sobrevivência das “quarenta e cinco famílias judias trazidas do pogrom da Rússia czarista” (p.15).

Além de uma boa descrição da casa, dos detalhes que ajudam a compor para o leitor o estilo de vida daqueles pobres imigrantes, Frida observa aspectos muito interessantes do comportamento das mulheres imigrantes. Assim, conta ela, no capítulo denominado “O Templo”, a respeito da inauguração da sinagoga da colônia: “As mulheres rezavam em sala separada da dos homens por um tabique. Prestavam atenção às palavras e, em seguida, as repetiam. A maioria das mulheres não sabia ler, mas, para não darem a perceber, mexiam com os lábios fingindo que liam” (p. 24). Aliás, a escola na colônia era somente para crianças até 12 anos de idade. Após os 12 anos, como aconteceu com a autora, as crianças ficavam reduzidas a ajudar os pais nas tarefas do sítio.

Sem querer entrar em detalhes, há na obra referências ao ciclo da vida, casamentos, nascimentos e enterros, e às atividades desempenhadas de acordo com a faixa etária, brincadeiras das crianças, festas de jovens, a escola, relacionamento entre vizinhos judeus, também da colônia, relacionamento com não-judeus. Referências à natureza, às cidades vizinhas, ao trem, à estrada aberta na mata e à chegada do correio e do

jornal, “único elo com o mundo civilizado”, pois como Frida bem observa no dia da inauguração da escola, “aqueles lavradores de mãos calejadas, afeitos ao uso da enxada e do arado, que teimavam em preservar a alma de um compreensível embrutecimento (...)” (p.35). Aos poucos, o reconhecimento da geração jovem de que aquelas terras não tinham futuro e a sua migração para as cidades vizinhas, Santa Maria, Porto Alegre. E, finalmente, conta Frida, os filhos, que já moravam em Porto Alegre, convencem os seus pais a venderem a colônia e também a seguirem rumo à cidade. Esse é o desfecho do livro, Frida, a sua irmãzinha e os pais já “velhos e alquebrados” migram para Porto Alegre.

A autora seguinte, Martha Pargendler Faermann, também de segunda geração, nasceu em Quatro Irmãos, em 1922. Escreveu: “A Promessa Cumprida: Histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch e Erebangó)”, publicado em 1990, o livro é dedicado à memória dos seus pais. Quando tinha oito anos de idade, a autora muda-se com a família para Erebangó, onde vive até o seu casamento, em 1942, mudando-se então com o marido para Porto Alegre.

A primeira parte do livro é uma descrição de fatos e de pessoas da família de Martha Faermann, escrita em tom otimista, e pleno de lugares-comuns: “Deixo minha imaginação vagar nas doces lembranças do passado. Passado rico em experiências e muito, muito feliz, apesar dos trabalhos e dificuldades que tivemos que enfrentar. Estas não faltam na vida de ninguém e não faltam na minha. Em família enfrentamos com coragem os percalços; recebemos força dos nossos pais, muito desta força é proveniente do sentimento de fé que sempre nos acompanhou” (p.24).

Em Erebangó, o pai da autora torna-se um bem-sucedido comerciante de cereais, cortes de tecidos, sapatos, “como todas as vendas do interior, oferecia produtos de todas as espécies, tinha de tudo um pouco” (p.32). O pai de Martha emigrara sozinho diretamente da Rússia para Porto Alegre, tendo assim que possível mandado buscar a esposa, com quem teve dois filhos. Após o falecimento de Sara, a esposa, o pai muda-se para Quatro Irmãos com os dois filhos pequenos. Lá encontra com a Mariem ou Maria, também viúva do primeiro casamento, com uma filha, com quem se casa, tendo então três filhos, um dos quais a autora desse livro. Em Quatro Irmãos, o pai havia sido proprietário de uma serraria.

O livro de Martha Faermann contém datas, nomes de todos os parentes, quem casou com quem, os nomes dos filhos, fotografias, parecendo haver por parte da autora uma preocupação muito grande em imortalizar a sua própria família, destacando sempre as qualidades dos seus membros: o pai muito religioso, praticava a caridade, a mãe, excelente cozinheira, e assim por diante.

A segunda parte contém algumas poucas informações que a autora conseguiu resgatar sobre a família na Europa Oriental e o processo de emigração, algumas informações sobre os primeiros tempos de Brasil, e dados superficiais sobre os irmãos. A terceira parte do livro contém algumas informações e fotografias sobre as famílias que se estabeleceram nas quatro colônias. Diferentemente do livro de Frida Alexandr que faz um

apanhado crítico a respeito da JCA (ou ICA, como era conhecida entre os colonos), apontando para as superiores condições de vida dos funcionários da companhia, enquanto os colonos passavam necessidades e adoeciam, o livro de Martha Faermann contém apenas dados superficiais sobre a companhia extraídos de jornais, livros e anuários, destacando ainda algumas pessoas importantes da empresa.

Apesar do caráter de superficialidade que o livro de Martha Faermann apresenta, não posso esquecer da minha emoção ao deparar-me com ele em uma das prateleiras da biblioteca da Yeshiva University, em New York, em 1995, onde encontrava-me com uma bolsa da Fulbright para coletar dados sobre a história da imigração do ramo da família da minha bisavó materna que havia se fixado em New Jersey. A emoção vivida então foi por conta das informações sobre a família Milmann trazidas pelo livro. A informante de Matha Faermann foi a “Tia Celina”, sua tia por casamento e minha tia-avó, ou seja tia materna do meu pai. Escreve Martha Faermann que, “logo depois da chegada da família, faleceu a sua irmã Eidel, com 22 anos, por falta de cuidados médicos, ao dar a luz a uma menina que seria sua segunda filhinha” (p.137-138). Eidel era a minha avó paterna. Faleceu deixando viúvo Maurício (Moishe) Kosminsky, o meu avô, e uma criança orfã, muito pequena, o meu pai, Abrahão Kosminsky.

As histórias de doenças e mortes perpassam todos os três livros, as perdas foram maiores porém entre os imigrantes que se dirigiram para as colônias do Sul do país do que para aqueles que se dirigiram diretamente para as cidades. No entanto, os livros de Martha Faermann e de Frida Alexandr têm um tom otimista, o primeiro mais do que o segundo, pois se trata de um balanço de quem se considera bem-sucedida na vida em decorrência da posição sócio-econômica dos pais, do casamento e da mudança para Porto Alegre, a capital do Estado não mais uma vila. O livro de Frida Alexandr é um livro que apesar do sofrimento relatado e do trabalho duro com pouco retorno, traz em si um teor de esperança e de realização. O livro de Eliza Lispector, escrito em tom intimista, às vezes, outra vez como um ensaio, é um livro pessimista, onde as realizações, quando há, não são vistas dessa forma. Essa autora, a única que cursou faculdade, escreveu, infelizmente, uma obra desigual, cujas informações não são suficientemente claras para os estudos de migração e de adaptação de famílias e de mulheres imigrantes.

Os três livros estão centrados na família de suas autoras. A perspectiva e o foco de análise é a família, mesmo quando no caso de Elisa, há referências a acontecimentos políticos, o ponto de referência é o pai ou a mãe ou ainda, ambos. Os dois níveis, o macro, os acontecimentos, e o micro, a família, não estão bem costurados, perpassando uma certa superficialidade na obra.

Quando as pessoas escrevem suas memórias, seja romanceando-as ou não, elas o fazem no momento das suas vidas quando já perderam a curiosidade do futuro, estão envelhecendo, ou estão desencantadas com a vida. (Cf. Ewans, 1993). Quando olham para o seu passado, o fazem a partir do seu presente, da sua inserção na sociedade, seja em termos de classe social, de etnia, de ocupação profissional, enfim da sua

posição social e do papel que desempenham na sociedade, na família. Das três mulheres referidas aqui, duas, Frida Alexandr e Martha Faermann, são donas de casa e uma, Elisa Lispector, além da atividade de dona de casa substituta, em razão da enfermidade da mãe, trabalha como professora e somente ela teve acesso à universidade. Das três, apenas Elisa Lispector é uma escritora profissional, premiada duas vezes pelo seu trabalho (Cf. Nota da editora, 1985).

Considerando esses dois aspectos, o momento em que escrevem e a sua posição e papel social, diria que das três autoras, apenas Elisa Lispector parece estar desencantada com a vida. As outras duas escreveram com o intuito de registrar para os seus filhos e netos a experiência que viveram juntamente com os pais e irmãos. Experiência que valorizam e que no seu entender deve ser divulgada. Todas as três relatam a sua experiência de migração, sendo Elisa a única imigrante e as outras duas segunda geração. A imigração de Elisa e de sua família foi uma imigração voltada para a cidade, enquanto que, a das famílias de Frida Alexandr e de Martha Faermann foi uma imigração voltada para a zona rural, muito embora no caso desta última, os seus pais tenham permanecido a maior parte do tempo na vila de Erebangó, dedicando-se ao comércio e não à agricultura como foi o caso da família de Frida Alexandr.

Todos os três livros, ao seu modo, contribuem para o conhecimento do processo migratório judaico para o Brasil. Em todos eles, está presente a condição feminina da época, seja questionando essa condição, quando o pai da Elisa deseja que ela se case pois só assim, no seu entender, ela poderá ser feliz, ou quando o vizinho da família de Frida questiona os seus modos de rapaz, adquiridos na convivência com o seu irmão mais velho e quando Martha detalha a festa do seu casamento, os cuidados com os filhos.

As obras proporcionam aquilo que a sociedade deseja conhecer? Essa é uma questão difícil de responder. Provavelmente, os livros de memórias escritos por pessoas famosas ou as biografias sobre grandes personagens têm um público garantido, enquanto que as histórias de pessoas comuns apenas nos últimos anos começaram a ser lidas. No Brasil, o público consumidor de livros é muito reduzido e, no caso de memórias de imigração tem interessado apenas aos membros do grupo focalizado. Só recentemente, os estudiosos têm se utilizado desse recurso como fonte de conhecimento das pesquisas sobre migrações.

A literatura judaico-feminina de imigração nos Estados Unidos

Diferentemente do Brasil, os Estados Unidos - o país do continente americano que recebeu o maior número de imigrantes⁵ - contaram com uma ampla rede de escolas públicas. Os seus dirigentes, reformadores e assistentes sociais, do final do século XIX e princípio do século XX, logo perceberam a importância da

⁵ De 1871 a 1920, 20.077.000 imigrantes entraram nos Estados Unidos, enquanto que 3.166.000 imigrantes chegaram no Brasil, de 1880 a 1920 (Cf. Nugent, 1992). O período de imigração em massa, nos Estados Unidos, persistiu até 1924 e, no Brasil, somente até 1914.

escola pública como instrumento de americanização, isto é, de incorporação do imigrante - adulto, jovem e criança - à cultura norte-americana. E os imigrantes, imediatamente, compreenderam que a escola pública funcionava como o instrumento por excelência de ascensão social (Moore, 1981).

Dessa forma, a publicação de autobiografias e de romances de cunho autobiográfico data de poucos anos após a chegada dos imigrantes nos Estados Unidos. Essas obras constituem um material muito rico sobre a vida no país de origem, a trajetória do imigrante e de sua família, e o processo de adaptação à nova sociedade, com tudo o que isso significou de perdas e ganhos, alegrias e tristezas.

Nos Estados Unidos, cientistas sociais têm trabalhado com esse tipo de fonte, seja recuperando esse material através de novas edições, contribuindo para a sua análise através de prefácios comentados sobre o autor e a obra, promovendo a sua divulgação, ou ainda utilizando-o como uma das fontes de conhecimento de suas pesquisas. Entre os autores que têm recorrido a esse tipo de material, citarei apenas alguns a título de exemplo: Elizabeth Ewen (1985), Susan A. Glenn (1993), Kathie Friedman-Kasaba (1996), Paula E. Hyman (1997), Joyce Antler (1997). Entre os autores de prefácios, na realidade, pequenos estudos, destacarei Alice Kessler Harris (in Yeziarska, 1975), Thomas Dublin (in Cohen, 1996).

Tratarei aqui de algumas obras escritas por imigrantes judias, que se estabeleceram nos Estados Unidos, no período compreendido entre o final do século XIX e o ano de 1968, com o intuito de mostrar como esses relatos constituem importante fonte documental da pesquisa sociológica. Farei referência também aos trabalhos escritos pela segunda geração de mulheres judias, nos quais transparece a vivência dos pais imigrantes e o processo de mobilidade social da família. Focalizarei apenas os livros escritos por mulheres em razão da necessidade de se fazer ouvir a voz dessas mulheres a respeito da história de sua imigração, uma história na qual a voz mais ouvida e relatada é a voz masculina (Ewen, 1985). Analisarei as obras escritas pelas seguintes imigrantes: a autobiografia de Rose Cohen, "Out of the Shadow: A Russian Jewish Girlhood on the Lower East Side" (1996, originalmente publicado em 1918); os romances de cunho autobiográfico escritos por Anzia Yazierska, "Bread Givers" (1975, a 1ª ed. data de 1925), "Hungry Hearts and Other Stories" (1991, a 1ª ed. é de 1920); as memórias escritas por Mary Antin, "From Plotzk to Boston" (1985; editado pela primeira vez em 1899), "The Promised Land" (1969, 1ª ed. de 1912); os livros de memórias escritos por Eva Hoffman (1989) e Marjorie Agosín (1998). Entre as autoras da segunda geração, analisarei as recordações de Gertrude Ford (1981) e de Vivian Gornick (1988).

A análise dessas obras permitiu o levantamento de pontos comuns à geração imigrante. Com base nesses elementos comuns, é possível o ordenamento e a sistematização do material, e a elaboração do conhecimento sobre o trabalho da mulher e as relações familiares, bem como, sobre a realização de estudos comparativos entre as diversas épocas em que ocorreu a imigração e entre as diferentes origens dos imigrantes. O primeiro ponto a considerar é o local de procedência das imigrantes. Como a maior parte dos

imigrantes procede da Europa, a sua origem assinala o primeiro passo da pesquisa. Todas as autoras aqui mencionadas partiram da Europa Oriental, com exceção de Agosin, que veio da América do Sul. O segundo item que precisa ser levado em conta compreende a data de chegada das imigrantes: aquelas que imigraram no chamado período da imigração em massa, de 1880 a 1924, aproximadamente; e aquelas que imigraram após a II Guerra Mundial. No período mais antigo estão Mary Antin, Rose Cohen e Anzia Yezierska; no período de imigração recente encontram-se Eva Hoffman e Marjorie Agosin.

Ao combinar esses dois itens, local de origem e data da migração, observa-se que as imigrantes do primeiro período, Mary Antin, Rose Cohen e Anzia Yezierska procedem de *shtetln*, as pequenas cidadezinhas da Europa Oriental, e Eva Hoffman, imigrante recente, origina-se de Cracóvia, uma cidade grande da Polónia. Apenas uma imigrante, também recente, procede da América do Sul, Marjorie Agosin, mais precisamente de Santiago, capital do Chile. Essas informações são indicativas da presença de imigrantes da América do Sul e da existência da imigração judaica da Europa Oriental para os Estados Unidos no período pós-guerra. No entanto, esse tipo de literatura não permite um levantamento das principais correntes imigratórias para os Estados Unidos e nem se os imigrantes procedem de pequenas ou grandes cidades da Europa Oriental. Essas respostas podem ser encontradas nas análises demográficas dos movimentos populacionais.

Autobiografias e literatura de cunho autobiográfico podem ser considerados como documentos que retratam um povo, uma época e uma região. Assim, os trabalhos das autoras aqui referidos mostram bem a vida no país de origem e as razões da sua emigração, a sua posição (da autora) na estrutura de classe, o seu pertencimento a um determinado grupo étnico (judeu), o seu status e papel social na família, o seu grau de instrução, a sua habilitação profissional. Todos esses pontos constituem a chamada carga cultural da qual o imigrante é portador. Quando o imigrante chega em um novo país, é essa carga cultural que vai viabilizar a sua inserção de um determinado modo na sociedade receptora (Morawska, 1990). Passamos assim ao ponto de ruptura e de reformulação da identidade étnica e de gênero, processo esse decorrente do movimento imigratório e do estabelecimento das imigrantes-escritoras na sociedade norte-americana. Há ainda outros determinantes a considerar, o fato de se tratar de imigrantes do sexo feminino, se casadas ou solteiras na época da migração e também a sua idade.

Susan A. Glenn (1993) chama a atenção para a inserção diferenciada da mulher judia, se casada ou solteira, imigrante na sociedade norte-americana. A mulher judia casada geralmente trabalhava em casa, enquanto às jovens solteiras era permitido trabalhar em oficinas e fábricas. Esse foi o caso de Rose Cohen que, tão logo chegou nos Estados Unidos, foi trabalhar em uma oficina de confecção a fim de ajudar o pai a comprar as passagens da mãe e dos irmãos para a América. Também foi o caso da irmã de Mary Antin. Neste ponto é importante também levar-se em consideração a posição ocupada pela filha na família, isto é, se é a

mais velha ou não dos filhos. Mary Antin pode ir para a escola enquanto que a sua irmã mais velha foi trabalhar para ajudar no sustento da família (Nadell in Antin, 1986).

Dessa forma, a inserção da mulher na nova sociedade depende do seu status e papel social exercidos na antiga sociedade. Caso seja originária de sociedades patriarcais e imigrando já casada e com filhos, maiores dificuldades possivelmente enfrentará na adaptação ao novo país. O que não significa que as mulheres jovens e solteiras também não tenham passado por dificuldades e enfrentado conflitos no Novo Mundo, especialmente conflitos familiares, em que a geração dos pais ainda se comportava como se estivesse no Velho Mundo, exigindo das filhas mulheres a mesma atitude vigente na sociedade que haviam deixado para trás. A obra de Anzia Yezierska denuncia esses conflitos com bastante clareza, assim como a autobiografia de Rose Cohen. Subjacente a esses conflitos de geração, encontrava-se a tensão vivida pelas jovens imigrantes que desejavam americanizar-se através da educação e do aprendizado do idioma e das maneiras de ser americanas e os seus pais apegados às tradições do Velho Mundo. Esses conflitos, além de objetivos, foram também internos às próprias autoras, que não tinham como por um fim às suas próprias raízes, daí a tensão interna que transparece ao longo de suas obras.

Um outro aspecto fundamental, que se pode depreender das obras acima referidas, diz respeito à idade da imigrante. Quando a imigrante chega ainda criança ou jovem, o seu processo de socialização terá um impacto muito maior no sentido de sua incorporação à sociedade receptora do que o imigrante já adulto. A imigrante criança ou jovem adolescente frequenta a escola pública ou cursos noturnos de modo que é rapidamente alfabetizada, tendo mais chances de incorporar e de ser incorporada mais facilmente à cultura da nova sociedade. Esse tipo de imigrante é referido como imigrante “intermediário”, pelo fato de não ter se formado integralmente na antiga sociedade. É o caso das três autoras já referidas, que imigraram para os Estados Unidos quando adolescentes.

A análise comparativa das obras das cinco autoras permite ver a importância da posição de classe, das razões e da época da emigração, bem como, a forma de inserção das imigrantes na sociedade norte-americana. As três primeiras escritoras, Mary Antin, Rose Cohen e Anzia Yezierska, pertencem à época da imigração em massa para os Estados Unidos. Sairam dos *shtetln* da Europa Oriental em decorrência da pobreza e do anti-semitismo e vieram com as suas famílias para as cidades dos Estados Unidos para engrossar as fileiras da classe trabalhadora nas oficinas de confecção. Sobressai na obra dessas três autoras o seu grande desejo de aprender o Inglês, de ter acesso à educação, de ingressar na sociedade americana; e o que elas tiveram de enfrentar, o conflito entre a cultura de origem e a cultura do Novo Mundo e o conflito com os pais e, principalmente, a rejeição da sociedade norte-americana, o seu preconceito vivido e sentido na pele. Essa questão do preconceito aparece com todo o peso na obra de Anzia Yezierska, como por exemplo, na atitude das professoras da escola pública em relação à limpeza das crianças, quando as condições de vida

enfrentadas pelos imigrantes eram tão difíceis que a compra de um sabonete ou o pagamento de uma ducha teria que ser cuidadosamente pensado antes de ser realizado; na obra de Rose Cohen aparecem as perseguições anti-semitas nas ruas da cidade, os ataques aos vendedores ambulantes judeus. A fome é uma constante em todas essas três obras bem como a exploração sofrida nas oficinas de costura. É Rose Cohen quem trata com mais clareza desse último tema, o da exploração do trabalho.

A imigração de Eva Hoffman e de Marjorie Agosín ocorreu em uma época mais recente, tendo por essa razão seguido outros patamares. A isso se acrescenta a diferença quanto à posição de classe e ao local de procedência. Eva Hoffman, judia-polonesa, nascida em Cracóvia em 1946, imigrou com a sua família para Vancouver, Canadá, em 1959, portanto aos 13 anos de idade, em razão do anti-semitismo e da busca pelos seus pais de realização do sonho americano. Habitante de cidade grande, pertencia à camada média da população, detendo uma posição social elevada dentro da sociedade polonesa da época. Deixou a sua cidade natal e os seus amigos de infância e de início da adolescência contra a sua vontade. Detentora de uma inteligência viva, aborda de modo crítico o seu próprio processo de imigração e de sua família. É com humor cáustico e, ao mesmo tempo, sofrido que ela descreve o seu choque diante da cultura de massa e da abundância e variedade da produção industrial norte-americana, e dos valores dessa sociedade individualista, na qual *“O problema é seu” é uma frase de combate e de auto-defesa diários* (Hoffman, 1990: 270).

Ao refletir sobre a sua não adaptação ao Novo Mundo, Eva Hoffman realiza uma brilhante crítica à obra e à pessoa de Mary Antin, mostrando como cada uma é, ao seu modo, uma criatura do seu tempo, sendo esse tempo fruto da sociedade americana da época. A história de Mary Antin é a história de sucesso de uma imigrante pobre: “sucesso próprio, sucesso da idéia de assimilação, sucesso da grande experiência americana”. Apenas no prefácio da obra *“The Promised Land”* é que Mary Antin deixa entrever uma outra história:

Quando a emigração ocorreu, ela foi de importância vital para mim, pessoalmente. Todo o processo de desenraizamento, deslocamento, assentamento, adaptação e desenvolvimento aconteceu na minha própria alma. Eu senti a dor aguda, o medo, a surpresa e a alegria desse processo. Eu nunca posso esquecer porque eu carregava as cicatrizes. Mas, eu quero esquecer - algumas vezes eu anseio por esquecer... É doloroso pertencer conscientemente a dois mundos. O Judeu Andarilho dentro de mim busca o esquecimento. Eu não tenho medo de continuar a viver, se eu não tivesse que lembrar tanto.

De acordo com Eva Hoffman, Mary Antin

nunca foi estimulada a ampliar esse tipo de colocação. E assim há um caminho que ela nunca segue: uma marca de uma outra história por trás da história do progresso triunfante. Talvez Mary Antin fosse geneticamente mais predisposta do que eu no que se refere ao otimismo, mas, eu duvido disso. É apenas que ela, como eu, foi afetada pelos sentimentos do seu tempo, e aqueles sentimentos fizeram dela uma convicta

pensadora positiva. Os Estados Unidos do seu tempo deram-lhe certas categorias dentro das quais ela via a si mesma – a crença no aperfeiçoamento pessoal, na perfeição das espécies, na elevação moral – e aquelas categorias levaram-na a mostrar certas partes da sua própria experiência, e a apenas deixar entrever outras (p.163-164).

A experiência de Marjorie Agosín é contada de uma outra forma. Poetisa e escritora, ainda não tinha completado 13 anos de idade quando acompanhou a emigração da família de Santiago, Chile, para Athens, uma cidade do Estado da Georgia, Estados Unidos, no ano de 1968. Proveniente da classe média-alta, o pai de Marjorie Agosín era médico e professor universitário de renome que, diante do crescente anti-semitismo e das perseguições políticas, resolveu buscar refúgio nos Estados Unidos, acompanhado da família. É com pesar que Marjorie e a sua família deixam o Chile e se estabelecem na Georgia, no Sul dos Estados Unidos. A autora conta com amargura e crítica o seu contato com a sociedade norte-americana:

Este era o sul (...) dos pântanos, dos esquilos voadores e de uma sinistra história de racismo e de fogueiras. No meu primeiro dia na escola, eu ouvi algumas crianças dizerem: *Não converse com ela. Ela é uma judia e uma latina*. Eles tinham também me chamado de judia nas ruas de Santiago e tinham rido do meu estranho nariz, mas, o fato de ser considerada uma latina nunca tinha sido falado de um modo desprezível. Isso me intrigou muito porque eu não falava Latim nem descendia de nenhuma raça mediterrânea. Logo eu descobri que tinha chegado no país dos polls, classificações e estereótipos criados para justificar os abusos contínuos de poder pelos proprietários de terra feudais e pelos pequenos políticos. Eu tinha vindo para um país onde todas as pessoas trancam as suas portas ao entardecer (Agosin, 1998: 195).

Em ambas as autoras estão presentes as marcas da imigração, do deslocamento, do sentimento de ser sempre uma estrangeira. Porém, uma grande diferença separa as três primeiras escritoras do final do século XIX, princípio do século XX das duas últimas. Eva Hoffman e Marjorie Agosin nunca passaram fome e tiveram acesso à universidade, tendo mesmo concluído o seu doutorado. Assim, ao olharem para trás, para a época do seu estabelecimento na sociedade adotiva, elas puderam avaliar de modo crítico as suas novas vidas e a nova sociedade. E, é claro, os tempos são outros: não se trata mais do período da imigração em massa e nem a sociedade norte-americana tem mais a necessidade de eleger uma imigrante pobre como símbolo do sucesso e da autorealização.

A autobiografia de Gertrude Ford (1981) e as recordações de Vivian Gornick (1988) mostram o ponto de vista das filhas de imigrantes, nascidas nos Estados Unidos. A literatura escrita pela segunda geração ilustra o processo de adaptação e, muitas vezes, de ascensão social das famílias imigrantes. À medida em que a miséria e o sofrimento, decorrentes do processo de adaptação foram deixados para trás, apesar do trabalho sazonal e mal pago, dos sujos e lotados *tenements*, os imigrantes foram se modificando e, ao mesmo tempo, enchendo de vida o Lower East Side (Rischin, 1977). Gertrude Ford, cujo pai era garçom e a mãe dona de casa, descreve na sua autobiografia as transformações decorrentes da chegada do piano e do fonógrafo no apartamento dos seus pais. A mãe passou a ficar o dia todo defronte dos auto-falantes e o pai a

frequentar uma loja de discos, onde costumava comprar uma quantidade “fantástica” de discos. O piano foi o presente de aniversário pelos seus 5 anos (Ford, 1981).

Apesar da incorporação de elementos da cultura norte-americana, as filhas comentavam a satisfação das mães em viverem arrodadas pelos seus vizinhos de língua Iídiche e em sentirem-se envolvidas pelos costumes e cheiros da sua cultura, como se vivessem num verdadeiro gueto. Gertrude Ford conta que a sua mãe imigrante nunca saiu dos arredores de onde morava, no Lower East Side:

A vida tinha uma cor variada e brilhante na 81 Sheriff Street. Tudo era excitante ao redor. As pessoas viviam a mil por hora, falava-se alto. Todos interessavam-se pela vida de cada um. Nós vivíamos com as cortinas levantadas e as portas abertas, extravasando vida dos pequenos apartamentos para os corredores. Não havia tal coisa chamada vida privada na 81 Sheriff Street. Além do que, o que havia para esconder? A pobreza? Todos eram pobres. Cada um tinha as mesmas esperanças e os mesmos medos. Cada um lutava para vencer os seus problemas e dificuldades (Ford, 1981: 3).

Vivian Gornick comenta as conversas de sua mãe, da janela da cozinha, com as vizinhas que estendiam a roupa lavada nos fundos do prédio onde viviam. A família morava no Bronx, um bairro para onde os imigrantes se mudavam quando a situação melhorava um pouco. Apesar disso, algumas mudanças já se faziam sentir no relacionamento com os vizinhos, como diz a autora:

Embora a porta do nosso apartamento estivesse sempre fechada – uma distinção foi feita entre aqueles educados o suficiente para valorizar a privacidade de uma porta fechada e aqueles de estrato inferior, que mantinham a porta meio aberta - os vizinhos sentiam-se à vontade para baterem na porta à qualquer hora, para tomar emprestado pequenas quantidades de alimentos, fazer uma fofoca sobre alguém do prédio e, mesmo, para pedir à minha mãe que resolvesse as pequenas disputas que surgiam entre os vizinhos (Gornick, 1988: 11).

As memórias das filhas de imigrantes – do período da imigração em massa - devem ser vistas como o resultado do processo de incorporação dos seus pais à nova sociedade. O papel da mulher como agente de assimilação, de um lado, e como elemento amortecedor das influências desagregadoras da nova sociedade aparece nas obras das autoras do primeiro período, assim como, nos livros da segunda geração (Hyman, 1997). As filhas imigrantes e as já nascidas nos Estados Unidos comentavam, muitas vezes, a resistência das mães em abandonarem os antigos costumes como, por exemplo, o uso de perucas. Rose Cohen conta como ela convenceu a sua mãe da necessidade de parar de usar lenços cobrindo a cabeça (Cohen, 1996: 152-154). As filhas, enquanto agentes sociais ativos, contribuíram para a integração dos seus pais à cultura americana e, ao mesmo tempo, para a mudança e a produção cultural, uma vez que elas adquiriam com mais facilidade os traços culturais da sociedade abrangente.

Conclusão

Comparando-se as obras das autoras aqui referidas, podemos observar que apesar das imensas diferenças existentes entre a sociedade norte-americana e a brasileira, que conduziram a processos diversos de adaptação, no qual se destaca a questão do trabalho e a da atitude da sociedade receptora em relação ao imigrante, conforme pode se compreender dos livros assinalados, algumas escritoras mais e outras menos parecem dar sentido às suas vidas referindo-se aos seus relacionamentos familiares.

Há, entretanto, uma grande diferenciação que irá se refletir na produção literária dessas mulheres. As imigrantes judias assim como os imigrantes dos demais grupos étnicos encontram-se imersos, no caso dos Estados Unidos, em uma sociedade cuja cultura protestante é a dominante e, no caso do Brasil, em uma sociedade em que predomina a cultura católica. Isso significa que, possivelmente, aquelas que imigraram para os Estados Unidos receberam o estímulo da tradição protestante com a sua tendência para a explicação racional do mundo, daí o seu desejo de relatar o curso dos acontecimentos nos quais se inserem, bem como, a construção de auto-biografias em que há a necessária distância entre o sujeito e a sociedade, necessária no sentido de proporcionar uma visão mais clara das relações familiares, sociais e dos eventos.

No caso da sociedade brasileira, os imigrantes se defrontaram com atitudes tradicionais e com valores religiosos católicos que limitavam a formação de uma concepção do mundo secularizada e racional, daí as suas dificuldades em refletirem sobre os acontecimentos, bem como, sobre a sua própria trajetória. Quanto às mulheres judias, o fato de serem mulheres em uma sociedade ainda imbuída de valores tradicionais, levou-as a construir narrativas acanhadas, centralizadas principalmente na família, apresentando a ausência de interpretações mais amplas tanto sobre as relações familiares quanto sobre as relações sociais de modo geral.

Autobiografias e literatura de cunho autobiográfico constituem memórias escritas. Na realidade, compreendem depoimentos pessoais que mostram como cada indivíduo reage sob condições sociais e/ou étnicas adversas e permitem verificar como surgem e se desenrolam os processos sociais (Martins, 1998). A historiadora Lucy S. Dawidowicz cita a seguinte afirmação de Wilhelm Dilthey: “Autobiografia é a forma mais instrutiva que nos possibilita o entendimento da vida”. E, ela completa: “A forma mais direta de história, autobiografia é o mais íntimo desvendamento da história, a avaliação que um homem faz de sua vida, dos seus atos e das suas idéias, dos seus sucessos e derrotas; uma análise das suas origens, do seu meio, do fluxo de acontecimentos ao seu redor” (Dawidowicz, 1989: 5-6).

Esse tipo de literatura constitui uma fonte rica de informações para os estudos de imigração e deve ser combinado com outros materiais, tais como, histórias de vida, se possível, e com dados históricos. Os parâmetros históricos atuam como “uma tentativa de colocar essas memórias na perspectiva do seu tempo e

lugar e para descrever os processos sociais, políticos e econômicos relevantes que afetaram os nossos memorialistas” (Dawidowicz, 1989: 6). Embora, o indivíduo transmita nas suas memórias o seu ponto de vista, a sua compreensão da realidade baseia-se na sua experiência pessoal, que é construída a partir do seu relacionamento com o mundo objetivo (Schwartz e Jacobs, 1979. Cap. 4). Esse mundo subjetivo encontra-se em relação dialética com a sociedade (Berger e Luckmann, 1974) e, assim, as experiências de indivíduos correspondem a experiências históricas de grupos (Yans-McLaughlin, 1990. Cap. 9).

As memórias de imigrantes e de suas filhas são testemunhas do processo migratório coletivo. Quando as pessoas migram, elas migram em grupo, não como indivíduos (Thomas e Znaniecki, org. por Zarestsky, 1996). O processo migratório é um processo coletivista, no qual a família, a etnia e a posição de classe desempenham papel fundamental de apoio ao grupo imigrante (Morawska, 1990: 196), como se depreende das autobiografias e da literatura de cunho autobiográfico referidas neste trabalho. O processo de adaptação enfrentado pelo antigo grupo imigrante e pelas imigrantes mais recentes, o sucesso de algumas e as dificuldades enfrentadas por todas, encontram-se embutidos no processo histórico, não obstante se tratem de narrativas pessoais.

Bibliografia

Agosin, Marjorie. *Always from Somewhere Else*. New York: CUNY, 1998.

Alexandr, Frida. *Filipson: Memórias da Primeira Colonia Judaica no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Fulgor, 1967.

Antin, Mary. *From Polotsk to Boston*. Boston: W.B. Clarke & Co., 1986.

Antin, Mary. *The Promised Land*. Boston: Houghton Mifflin, 1969.

Antler, Joyce. *The Journey Home: Jewish Women and the American Century*. New York: The Free Press, 1997.

Berger, Peter and Luckmann, Thomas. *A Construcao Social da Realidade*. Petropolis, Vozes, 1974. Tradução de *The Social Construction of Reality*. New York: Doubleday, 1966.

Borges, Dain. *The Family in Bahia 1870-1945*. Stanford: Stanford University Press, 1992.

Cohen, Rose. *Out of the Shadow: A Russian Jewish Girlhood on the Lower East Side*. Ithaca: Cornell University Press, 1996.

Cotterill, Pamela; Letherby, Gayle. Weaving Stories: Personal Auto/Biographies in Feminist Research. In: *Sociology*, vol.27, no.1, Feb. 1993. p.67-79.

Dawidowicz, Lucy S. (editor) *The Golden Tradition: Jewish Life and Thought in Eastern Europe*. New York: Schocken Books, 1989.

Dublin, Thomas. Introduction. In: Cohen, Rose.

Evans, Mary. Reading Lives: How the Personal might be Social. In: *Sociology*, vol.27, no.1, Feb. 1993, p.5-13.

Ewen, Elizabeth. *Immigrant Women in the Land of Dollars: Life and Culture on the Lower East Side, 1890-1925*. New York: Monthly Review Press, 1985.

Faermann, Martha P. *A Promessa Cumprida: Histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hisch e Erebangó)*. Porto Alegre: Metrópole, 1990.

Friedman-Kasaba, Kathie. *Memories of Immigration: Gender, Ethnicity, and Work in the Lives of Jewish and Italian Women in New York, 1870-1924*. Albany: SUNY, 1996.

Ford, Gertrude. *81 Sheriff Street*. New York: Frederick Fell Publishers, 1981.

Glenn, Susan A. *Daughters of the Shtetl: Life and Labor in the Immigrant Generation*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.

Gold, Steven J. Gender and Social Capital among Israeli Immigrants in Los Angeles. In: *Diaspora*, 4:3, 1995. p.267-301.

Gornick, Vivian. *Fierce Attachments: A Memoir*. London: Virago, 1988.

Hoffman, Eva. *Lost in Translation: A Life in a New Language*. New York: Penguin, 1989.

Hyman, Paula E. *Gender and Assimilation in Modern Jewish History*. Seattle: University of Washington Press, 1997.

Kessler-Harris, Alice. Introduction. In: Yezierska, Anzia. 1975.

Kosminsky, Ethel V. *Rolândia, a Terra Prometida: Judeus-Alemães Refugiados do Nazismo no Norte do Paraná*. São Paulo: CEJ/USP, 1985.

Lispector, Elisa. *No Exílio*. 2ªed. Brasília: MEC/Ebrasa, 1971.

Lozinsky, Saadio. *Memórias da Imigração*. Rio de Janeiro: Edições Hai, 1997. Tradução de Milton Scaler.

Martins, José de Souza. *Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1998.

Morawska, Ewa. "The Sociology and Historiography of Immigration". In: Yans-McLaughlin, V. 1990.

Moore, Deborah Dash. *At Home in America: Second Generation New York Jews*. New York: Columbia University, 1981.

Nadell, Pamela. Introduction. In: Antin, Mary. 1986.

Nugent, W. *Crossings: The Great Transatlantic Migrations, 1870-1914*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

Pereira de Queiroz, M.I. "Escravos e Mobilidade Social Vertical em Dois Romances Brasileiros do Século XIX". São Paulo: *Cadernos CERU*, n.9, 1ª serie, out.1976.

Rischin, M. *The Promised City: New York's Jews, 1870-1914*. Cambridge: Harvard University Press, 1977.

Sakurai, Celia. *Romanceiro da Imigração Japonesa*. São Paulo: Sumaré, 1993.

Schwartz, Howard e Jacobs, Jerry. *Qualitative Sociology*. New York: The Free Press, 1979.

Thomas, W. e Znaniecki, F. *The Polish Peasant in Europe and America*. Org. por Eli Zaretsky. Urbana: University of Illinois Press, 1996.

Willems, Emilio. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

Yans-McLaughlin, Virginia. "Metaphors of Self in History: Subjectivity, Oral Narrative and Immigration Studies". In:------(org.) *Immigration Reconsidered*. New York: Oxford University Press, 1990.

Yeziarska, Anzia. *Bread Givers*. New York: Persea Books, 1975.

Yeziarska, Anzia. *Hungry Hearts and Other Stories*. New York: Persea Books, 1991.